

Cobra fala-nos de Paris e do seu trabalho artístico, de arte e de literatura, dos artistas com os quais conviveu, dando-nos uma perspectiva extremamente rica de uma época e de uma geração fundamental na arte portuguesa.

A partir do início da década de 80, Cobra passou a dedicar-se mais à pintura, e continua a trabalhar todos os dias. E na conversa que referimos, diz: *Um quadro constrói-se através do diálogo entre o pintor e a tela. O quadro propõe coisas que aceitamos ou não, e o pintor propõe outras coisas que o quadro aceita, ou não. É este diálogo que é longo.* E adianta: *Uma coisa interessante na pintura é que permite corrigir o passado. Acontece-me corrigir quadros que fiz há 50 ou há 60 anos. Às vezes vou buscar um quadro e retoco-o. Fazer este género de coisas é um pouco como o trabalho do alquimista. O essencial da natureza do alquimista consiste em repetir todos os dias os mesmos processos simbólicos. Todos os dias repete a mesma operação com produtos químicos que possuem um simbolismo, e essa operação é uma espécie de oração que alimenta o espírito. E a pintura é um pouco isso para mim.* Concluindo depois: *Nunca ninguém viu estes quadros. É a primeira vez que os vou mostrar. Que estes meus quadros serão vistos.*

Curadoria de Paulo Branco

Texto de António Costa

Organização e produção de LEFFEST

Montagem de Renato Costa e Marina Vismara

#### FICHA TÉCNICA

Direção *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *Manuel Santos Maia*

Estagiária *Rita Ferreira Costa*

Rua de Mirafior, 159, 4300-334, Campanhã, Porto

*Quarta-feira a sábado, das 15:00 às 19:00*

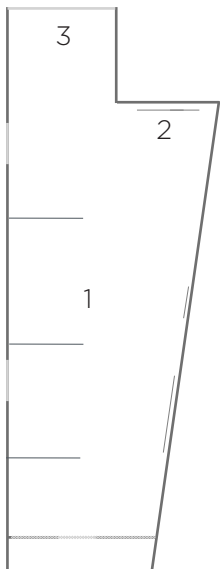
929 113 432 | [miragaleras@miragaleras.net](mailto:miragaleras@miragaleras.net)

fb: [espaço mira](#) | [instagram: @espacomira](#)



# Carlos Cobra: uma exposição

1 - 29 MARÇO 2025



**1**  
*s/ título*  
Instalação com 25 pinturas não intituladas, realizadas nos anos de 2014, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, a acrílico sobre tela, com dimensões diversas, realizada em Paris.

**2**  
*s/ título*, 1960  
Escultura  
Aprox. 100 x 60 x 20 cm

**3**  
Entrevista a Carlos Cobra por Paulo Branco, com Carlos Saboga e Martine Arfi  
2024  
Vídeo, 72`

## Carlos Cobra

Escultor e pintor. Nascido em 1940, em Alcácer do Sal, Carlos Cobra foi, como muitos artistas da sua época, aluno da Escola de Artes Decorativas de Lisboa (a actual Escola Artística António Arroio). No início dos anos 60 viaja para Paris (onde ainda vive e trabalha), como bolsheiro de escultura da Fundação Gulbenkian. Em 1967, participa na Bienal de Paris e, em 1981, recebe o Prix Bourdelle, o mais prestigiado prémio de escultura na Europa. No entanto, a sua obra, é praticamente desconhecida em Portugal.

A presente exposição, é a segunda de um ciclo de exposições dedicadas ao autor, inaugurada no MUDE, em Lisboa, organizada pelo LEFFEST, em Novembro de 2024. As MIRA Galerias | Espaço MIRA apresentam uma seleção de 25 pinturas, não intituladas, realizadas entre 2014 e 2020, a que se junta uma escultura de 1960.

## Carlos Cobra: uma exposição

Carlos Cobra faz parte de uma extraordinária geração de artistas portugueses, bolsheiros da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris nos anos 60 e 70. Entre esses muitos artistas, que por razões várias emigraram para Paris, contavam-se Lourdes Castro, Eduardo Luiz, René Bertholo, José Escada, António Dacosta, João Vieira, Costa Pinheiro, Jorge Martins e Júlio Pomar, entre outros. Cruzar-se-iam em exposições, em trabalho, ou no célebre atelier de Vieira da Silva e Arpad Szenes em Montparnasse.

Na capital francesa, com o auxílio da bolsa, Cobra frequenta as aulas de escultura de Henri-George Adam na Escola de Belas Artes e inicia-se no estudo das técnicas de ferro soldado e de fundições na Académie du Feu com o escultor húngaro László Szabó. Étienne Hajdú, que trabalhou os mármore de Estremoz em muitas das suas obras, também viria a orientar várias das suas peças. Em 1967, participa na Bienal de Paris e em 1971 na exposição colectiva 10 ans d'art portugaise, que Joaquim Veríssimo Serrão, na altura o director do Centre Culturel Portugais, dedicou aos bolsheiros de Paris. Em 1981, recebe o Prix Bourdelle, o mais importante prémio da escultura europeia, a única vez que foi atribuído a um artista português, tendo o museu exposto as suas obras.

Depois de uma exposição, a única ao que sabemos, de pinturas sobre papel, já lá vão umas cinco décadas, organizada por Laura Soutinho na Cooperativa Árvore, podemos agora ver, finalmente em Portugal, uma nova mostra do trabalho de Carlos Cobra, nesta exposição que reúne cerca de vinte e cinco pinturas inéditas dos últimos anos, e uma belíssima e rara escultura de 1960. Que nos surge com uma tal veemência no silêncio (palavras roubadas a Herberto Helder em *Photomaton & Vox*), e uma força secreta, longe da gritaria do mundo, e que permanecem vulneravelmente para lembrança súbita de alguns. A acompanhar a exposição, projecta-se uma conversa entre Carlos Cobra, Paulo Branco, que o conheceu em Paris no início dos anos 70, mantendo desde aí uma amizade, e o realizador e argumentista Carlos Saboga, que conheceu Cobra ainda em Portugal e também se exilou na altura em Paris, onde, como Cobra, ainda vive e trabalha.